



**UNIVERSIDADE ESTADUAL DA PARAÍBA  
CENTRO DE EDUCAÇÃO  
DEPARTAMENTO DE EDUCAÇÃO  
CURSO DE LICENCIATURA EM PEDAGOGIA**

**ANDRÉIA DOS SANTOS LIMA SILVA**

**FOLHETOS DE CORDEL: DO AUXÍLIO NAS PRÁTICAS DE LEITURA À  
DIMINUIÇÃO DOS BAIXOS ÍNDICES DE LEITURA NOS ANOS INICIAIS DO  
ENSINO FUNDAMENTAL**

**CAMPINA GRANDE  
2017**

**ANDRÉIA DOS SANTOS LIMA SILVA**

**FOLHETOS DE CORDEL: DO AUXÍLIO NAS PRÁTICAS DE LEITURA À  
DIMINUIÇÃO DOS BAIXOS ÍNDICES DE LEITURA NOS ANOS INICIAIS DO  
ENSINO FUNDAMENTAL**

Trabalho de Conclusão de Curso apresentado ao Curso de Licenciatura em Pedagogia da Universidade Estadual da Paraíba, em cumprimento à exigência para obtenção do grau de licenciado em Pedagogia.

Orientadora: Profa. Dra. Maria do Socorro Moura Montenegro

**CAMPINA GRANDE  
2017**

É expressamente proibido a comercialização deste documento, tanto na forma impressa como eletrônica. Sua reprodução total ou parcial é permitida exclusivamente para fins acadêmicos e científicos, desde que na reprodução figure a identificação do autor, título, instituição e ano do trabalho.

S586f Silva, Andreia dos Santos Lima.  
Folhetos de cordel [manuscrito] : do auxílio nas práticas de leitura á diminuição dos baixos índices de leitura nos anos iniciais do ensino fundamental / Andreia dos Santos Lima Silva. - 2017.  
48 p.

Digitado.  
Trabalho de Conclusão de Curso (Graduação em Pedagogia) - Universidade Estadual da Paraíba, Centro de Educação, 2017.

"Orientação : Prof. Dr. Maria do Socorro Moura Montenegro , Coordenação do Curso de Pedagogia - CEDUC."

1. Folhetos de Cordel. 2. Leitura. 3. Letramento Escolar. 4. Ensino Fundamental.

21. ed. CDD 372.42

ANDRÉIA DOS SANTOS LIMA SILVA

FOLHETOS DE CORDEL: DO AUXÍLIO NAS PRÁTICAS DE LEITURA À  
DIMINUIÇÃO DOS BAIXOS ÍNDICES DE LEITURA NOS ANOS INICIAIS DO ENSINO  
FUNDAMENTAL

Trabalho de Conclusão de Curso apresentado  
ao Curso de Pedagogia da Universidade  
Estadual da Paraíba, como requisito parcial à  
obtenção do título de licenciada em Pedagogia.

Área de concentração: Educação.

Aprovada em: 01/07/2017

BANCA EXAMINADORA

Maria do Socorro Moura Montenegro 10,0  
Prof. Dra. Maria do Socorro Moura Montenegro - (Orientadora)  
Universidade Estadual da Paraíba - UEPB

Francisca Pereira Salvino  
Prof. Dra. Francisca Pereira Salvino - (Examinadora)  
Universidade Estadual da Paraíba - UEPB

Patrícia Cristina de A. Araújo  
Prof. Dra. Patrícia Cristina Aragão de Araújo - (Examinadora)  
Universidade Estadual da Paraíba - UEPB

Dedico este trabalho a Deus, a todos os professores da educação básica, a meu esposo, Rodrigo Nunes, minha preciosa mãe e pai, e a minha orientadora Maria do Socorro Moura Montenegro.

## AGRADECIMENTOS

Agradeço a Deus, por ter me dado forças e coragem para realizar esta pesquisa, ajudando-me em todos os momentos.

Ao meu amado e querido esposo **Rodrigo**, por ter me incentivado em todos os momentos, fazendo com que eu acreditasse que seria capaz de alcançar essa conquista.

A professora orientadora **Socorro Moura Montenegro**, que muito contribuiu na orientação da pesquisa, ajudando de forma relevante para a conclusão deste trabalho.

À todos os professores das escolas municipais da cidade de Soledade-PB, que aceitaram ser entrevistados.

Aos professores do curso de Pedagogia da UEPB, que tiveram paciência e carinho nas horas do aprender.

A coordenação do Curso de Pedagogia, pelo bom atendimento.

Aos meus colegas, pela cumplicidade na arte de se fazer professor.

Enfim, a todos que contribuíram de alguma forma para a realização de minha pesquisa.

Quem ensina aprende ao ensinar e quem  
aprende ensina ao aprender.

(PAULO FREIRE)

A educação é a arma mais poderosa que você  
pode usar para mudar o mundo.

(NELSON MANDELA)

## RESUMO

O presente trabalho traz uma discussão referente à possibilidade de utilizar o cordel em sala de aula como recurso que pode auxiliar nas práticas de leitura para desencadear o processo de letramento escolar, tendo em vista a formação de leitores críticos e reflexivos nos Anos Iniciais do Ensino Fundamental da Educação Básica. A partir disso, é importante atentar para o fato de que, é nessa perspectiva que poderemos compreender como os folhetos de cordel podem contribuir para as práticas de leitura e, assim, diminuir os baixos níveis de leitura nessa modalidade de ensino. Associado a isso, estruturamos esse trabalho com reflexões voltadas para os estudos do letramento no âmbito escolar e para um sucinto contexto histórico dos folhetos de feira, já que o **objetivo geral** desse estudo é investigar como os folhetos de cordel estão sendo trabalhados na escola, auxiliando nas práticas de leitura, a partir de uma perspectiva interacionista do ato de ler. Entendendo que o cordel pode contribuir, de fato, no processo de ensino-aprendizagem dos alunos, principalmente nas aulas de leitura. E, nessa direção, esse trabalho contemplou uma pesquisa de campo realizada em escolas da rede municipal da cidade de Soledade – PB. Para tanto, utilizamos como procedimentos metodológicos uma entrevista semiestruturada aplicada aos profissionais da educação que tiveram experiência com o cordel na sala de aula. Buscamos confrontar a prática pedagógica dos professores com a revisão bibliográfica apresentada. Selecionamos como abordagem teórica os PCN (BRASIL, 2001), Araújo (2013), Kleiman (2004), Montenegro (2014), Pinheiro (2012), Soares (2001;2009), Street (2013), Silva (2014; 2017), entre outros. A pesquisa revelou que o cordel pode ser um instrumento valioso na escola, auxiliando o trabalho dos professores na promoção de um processo de ensino-aprendizagem eficaz, por ser uma rica fonte de pesquisas da cultura, da linguagem e da história de um povo, contribuindo para a aquisição de múltiplos saberes que auxiliam no letramento escolar.

**Palavras-chave:** Folhetos de Cordel. Leitura. Letramento Escolar. Ensino Fundamental.

## ABSTRACT

The present work presents a discussion about the possibility of using the string in the classroom as a resource that can aid in reading practices to trigger the process of school literacy, in view of the formation of critical and reflective readers in the Early Years of Elementary Education of Basic Education. From this, it is important to take into account the fact that it is from this perspective that we will be able to understand how cordel leaflets can contribute to reading practices and, thus, reduce the low levels of reading in this teaching modality. Associated with this, we have structured this work with reflections on literacy studies in the school context and on a brief historical context of the fair leaflets, since the general objective of this study is to investigate how cordel leaflets are being worked in school, show how they can assist in reading practices, from an interactionist perspective of reading. Understanding that the string can contribute, in fact, to the teaching-learning process of students, especially in reading classes. And, in this direction, this research contemplated a field research carried out in schools of the municipal network of the city of Soledade - PB. For that, we used as methodological procedures a semi-structured interview applied to education professionals who had experience with the string in the classroom. We seek to confront the pedagogical practice of teachers with the bibliographic review presented. We selected as a theoretical approach the PCNs (BRASIL, 2001), Araújo (2013), Kleiman (2004), Montenegro (2014), Pinheiro (2012), Soares, among others. The research revealed that the cord can be a valuable instrument in school, helping teachers work in the promotion of an effective teaching-learning process, being a rich source of research on the culture, language and history of a people, contributing to the acquisition of multiple knowledges that help in the school literacy.

**Keywords:** Cordel Brochures. Reading. School Literacy. Elementary School.

## SUMÁRIO

<b>1</b>	<b>INTRODUÇÃO .....</b>	<b>11</b>
<b>2</b>	<b>DE CORDÃO VEIO CORDEL: UM PANORAMA HISTÓRICO.....</b>	<b>14</b>
<b>3</b>	<b>LEITURA E LETRAMENTOS: VELHAS PRÁTICAS E NOVOS CAMINHOS.....</b>	<b>17</b>
<b>3.1</b>	<b>A leitura como forma de interação.....</b>	<b>17</b>
<b>3.2</b>	<b>Letramento(s).....</b>	<b>20</b>
<b>3.3</b>	<b>Letramento literário com Folhetos de Cordel.....</b>	<b>23</b>
<b>4</b>	<b>O CORDEL NA SALA DE AULA: ANÁLISE E DISCUSSÃO DOS DADOS.....</b>	<b>28</b>
<b>4.1</b>	<b>Sujeitos pesquisados, metodologia e <i>lôcus</i> da pesquisa.....</b>	<b>28</b>
<b>4.2</b>	<b>O que dizem os professores: relatos de experiências com o cordel nos anos iniciais do ensino fundamental.....</b>	<b>30</b>
<b>5</b>	<b>CONSIDERAÇÕES FINAIS.....</b>	<b>40</b>
	<b>REFERÊNCIAS.....</b>	<b>42</b>
	<b>ANEXO.....</b>	<b>44</b>

## 1 INTRODUÇÃO

Ao longo da história da humanidade o ser humano desenvolveu técnicas, métodos e formas de ensino e aprendizagem. Considerando que o ato de educar no século XXI passa por inúmeras transformações de ordem social, cultural e política. Para legitimar as reflexões, aqui, presentes, trazemos os quatro pilares fundamentais da educação que, segundo Jacques Acques Delors (2012), são os seguintes: a) aprender a conhecer; b) aprender a fazer; c) aprender a conviver; d) aprender a ser. A nosso ver, reconhecemos a grande responsabilidade que as instituições escolares têm no processo de formações de cidadãos críticos e reflexivos, capazes de interagir e atuar na sociedade de forma participativa e colaborativa.

Para tanto, é preciso investir na base do sistema educacional vigente. Muitas são as críticas levantadas ao se comparar os investimentos públicos nas esferas de Ensino Superior em detrimento das modalidades dos anos iniciais do Ensino Fundamental, especificamente o que compreende do 1º ao 5º anos (Ensino Fundamental I). De fato, nosso país clama por mais investimentos na educação como um todo. Professores, preocupados em melhorar sua metodologia de ensino, buscam romper com ideias de padronização, memorização e rigidez que a pedagogia tradicional impôs, e ainda impõe em algumas escolas, superando a chamada “educação bancária” (FREIRE 1996). Percebe-se que os professores da educação básica tem buscado se qualificar, participando de congressos, cursos de capacitação, publicando livros, artigos que disseminam o conhecimento e as transformações do ato de educar em nossos dias. Nosso trabalho adentra nesse cenário com o fim de refletir sobre propostas para melhoria do ensino nesta modalidade.

Buscamos discutir possibilidades de ensino e aprendizagem para os anos iniciais do Ensino Fundamental I, com vista a formar leitores competentes e ativos na região em que aplicamos e recolhemos dados para a realização de nossa pesquisa. Sabe-se que os métodos de ensino e práticas de leitura têm sido bastante discutidos na atualidade. A leitura é um dos meios mais importantes para construir novas aprendizagens, possibilitando a formação de atitudes, ideias e ações na sociedade. Nesse sentido, é necessário que a escola proporcione o desenvolvimento de práticas de leituras que possam contribuir para o processo de letramento, desde que compreendamos que o letramento envolve não somente o aprender a ler e a escrever de forma instrumental, mas às práticas sociais de leitura e de escrita que estão muito presentes na nossa sociedade e que, muitas vezes, deixamos de lado (BEZERRA, 2000).

A partir disso, é fundamental desenvolver no educando o gosto pela leitura, mediante práticas renovadoras de ensino, em que ela se utilize dos acessos aos diversificados gêneros

textuais que permeiam sua realidade, seu contexto familiar, social e escolar. Sabendo que, para isso, o professor deve buscar propostas mais aprofundadas para melhorar sua metodologia em aulas de leitura e compreensão textual, buscando novos caminhos que levem os alunos a terem um maior contato com a leitura. É possível, sim, os educandos aprenderem muito mais se aqueles que estão envolvidos com a prática de leitura criarem condições essenciais que permitam a aprendizagem de forma sistemática e prazerosa.

Pergunta-se: como formar leitores fluentes na era digital? O que, de fato, é um leitor crítico? Que tipos de leituras estão sendo feitas dentro e fora da escola pelo público que a utiliza? Quais são as orientações dos documentos oficiais em educação? Por que se fala tanto que pouco se ler nas salas de aulas de nossas escolas? Como superar práticas de leituras concebidas, apenas, como mero processo de decodificação, longe das realidades dos alunos?

Geraldi (2010) defende que cada região deve pensar em medidas específicas quanto ao desenvolvimento e planejamento de formas de ensino. Na região Nordeste, por exemplo, é importante pensar nas tradições orais de transmissão cultural. Vale ressaltar que entre os tipos de leitura, podemos citar os folhetos de cordel que, é, ao mesmo tempo, um gênero literário, assim como é considerado uma forma de expressão linguístico-cultural, resultante de informação e conhecimento do povo das camadas populares, pertencentes a uma cultura menos privilegiada na sociedade, que advém de uma cultura oral. Na literatura de cordel encontramos uma grande fonte de conhecimento do povo do Nordeste. Um trabalho com esse tipo de literatura popular pode ampliar o conhecimento do aluno e servir como um recurso que auxilia o processo de construção de leitura. Além do mais, refletir sobre como o trabalho com a modalidade leitura a partir de folhetos de feira influencia no ato de aprender dos alunos, por entender que o cordel/literatura de cordel contribuirá significativamente para o aprimoramento e desenvolvimento de novas possibilidades em práticas educativas no cenário da educação no século XXI, é dar visibilidade a forma como a literatura de cordel tem sido trabalhada nas escolas.

Portanto, nosso **objetivo geral** é investigar como os folhetos de cordel estão sendo trabalhados na escola, auxiliando nas práticas de leitura, a partir de uma perspectiva interacionista do ato de ler, conforme defende Kleiman (1995). Temos consciência que essa ação diminuirá os baixos níveis de letramento escolar nos anos iniciais do Ensino Fundamental. Para isso, buscaremos discutir, num primeiro momento, a importância da literatura de cordel na construção da leitura, entre os alunos dos anos iniciais do fundamental, investigando as possibilidades que o trabalho com essa literatura pode oferecer, principalmente no que diz respeito ao desenvolvimento da prática de leitura. Num segundo momento, analisaremos como

os professores têm trabalhado com a literatura de cordel, identificando as dificuldades e estratégias de ensino a partir desse tipo de expressão popular.

A metodologia utilizada para realização desse trabalho será desenvolvida, por meio de uma pesquisa de cunho qualitativo, de caráter exploratório, que estimula os entrevistados a pensarem livremente sobre algum tema, objeto ou conceito, buscando percepções e entendimento sobre a natureza geral de uma questão, abrindo espaço para interpretações. Para isso, necessário se faz que recorramos a uma pesquisa bibliográfica para aprofundarmos nossos conhecimentos teóricos sobre a temática estudada nesse trabalho. Utilizaremos como procedimento para a coleta dos dados uma visão analítica e reflexiva da pesquisa bibliográfica e uma entrevista semiestruturada, aplicada à professores dos anos iniciais do Ensino Fundamental para identificarmos como se dá o trabalho com a leitura e se eles fazem uso da literatura de cordel em sala de aula, já que é um gênero literário expressivo da nossa cultura. Para tanto, fundamentamo-nos nas leituras efetivadas nos Parâmetros Curriculares Nacionais (PCN/BRASIL, 2001), Araújo (2013), Kleiman (2004), Montenegro (2014), Pinheiro (2012), Soares (2001; 2009), Street (2013), Silva (2014; 2017), entre outros.

Desse modo, buscaremos discutir a importância da literatura de cordel como um recurso que possibilita o desenvolvimento da aprendizagem no que diz respeito aos processos de letramento escolar para a construção da leitura. O cordel pode contribuir de modo significativo para a formação de leitores, uma vez que amplia o escopo de conhecimentos que os alunos devem ter acesso; seja ele de ordem histórico, político, social ou cultural. Percebemos que o cordel se mostra como um produto cultural, que serve como facilitador na sala de aula, pois abre espaços para trabalhos com a realidade do aluno, perpassando sua identidade, pela identificação dos leitores-alunos com personagens, objetos e narrativas apresentadas nos diversos temas que o cordel apresenta. Assim, o cordel pode servir como recurso para compor um plano de ação nas escolas de nossa região, pois se mostra como um suporte textual significativo para o aprendizado dos alunos nas diversas áreas de conhecimento.

O texto fruto dessa pesquisa se materializa em quatro capítulos, incluindo essa introdução, dois capítulos teóricos e um de análise do *corpus*, além das considerações finais, referências e anexo. No **segundo capítulo**, apresentamos uma breve contextualização do contexto histórico do cordel, tecendo considerações sobre o Nordeste como ambiente propício para propagação dessa arte literária. No **terceiro capítulo**, tecemos considerações sobre a leitura como forma de interação e os estudos sobre letramentos. No **quarto capítulo**, apresentamos a análise do *corpus*, aplicada ao referencial teórico estudado. Seguimos com as considerações acerca da pesquisa e as referências.

## 2 DE CORDÃO VEIO CORDEL: UM PANORAMA HISTÓRICO

De cordão veio cordel  
 Como hoje é consagrado  
 Esse folheto de feira  
 De bom serviço prestado  
 Na formação, no informe,  
 Em tudo que é contado  
 (MEDEIROS DE BRAGA)

De acordo com Silva (2014, p.97), “a literatura de cordel chegou ao Brasil com os nossos colonizadores, desembarcando na Bahia e disseminando-se principalmente nos estados do Nordeste (Pernambuco, Paraíba e Ceará)”. Historicamente, a literatura de cordel estava diretamente relacionada a um tipo de representação social na qual se afirmava que ela dizia respeito a literatura pertencente aos grupos advindos de uma cultura não escolarizada. No atual contexto histórico essa representação já não tem mais eco, em razão de termos sujeitos que produzem o cordel, que são universitários, graduados e professores universitários. Portanto, durante muito tempo, o povo da região Nordeste utilizou o cordel como subsídio na produção de informação e ensino de conhecimento proveniente “do povo e para o povo” (SILVA, p.96). Embora pouco conhecida pela maioria dos brasileiros, é considerada a mais importante fonte de expressão sociocultural do povo sertanejo, tornando-se um símbolo da cultura regional. Conforme evidencia Lima (2000, p.19),

O cordel é uma das formas de expressão linguístico-cultural, resultante de um vasto sistema de interferências do viver dos seus produtores, leitores e ouvintes. Indivíduos quase sempre, oriundos das camadas populares, quer constroem em suas poesias uma trama onde símbolos de suas identidades estão amalgamadas aos símbolos de suas experiências e trocas com as demais camadas da sociedade.

Referindo-se ao surgimento do cordel no Brasil, que teve como marco o Nordeste brasileiro, Montenegro (2014, p.27) afirma que “a Paraíba foi um dos estados nordestinos de maior destaque como referência na divulgação dessa literatura”. Segundo essa autora, os cordéis mais destacados na época foram: As misérias da época (1893) e Saudades do sertão (1902) dos cordelistas paraibanos Leandro Gomes de Barros – que ficou conhecido como o pai do cordel - e Francisco Chagas Batista, respectivamente.

No início, as narrativas populares apresentadas nos cordéis eram baseadas em narrativas europeias medievais, com temas dos mais variados, relacionados a fatos políticos, sociais, históricos, entre outros, como lendas, romances, histórias eruditas, viagens, guerras, etc. Os

primeiro poetas populares apareceram no Brasil nos anos de 1950, com narrativas de sagas em versos, que repercutiam com cantorias acompanhados por violeiros; eram escritos no Nordeste e pensados para o uso de cantorias nas praças para animação do povo. Apesar de muitos pensarem que esse tipo de arte popular iria desaparecer com o tempo, principalmente com o advento de internet, pesquisas recentes mostram que, pelo contrário, o cordel está mais vivo do que nunca.

Apesar dos desafios, muitos poetas ainda vivem do cordel. Os autores, conhecidos como cordelistas, utilizam muitas de suas divulgações a partir dos noticiários de sua região, já em outras ocasiões apresentam narrativas de fatos verídicos ou fictícios, sempre tentando conquistar seu público pelos versos, que muitas vezes são cantados.

No cordel encontramos um modo de expressão da cultura de um povo, através das experiências e da realidade vivenciada no cotidiano pelos cordelistas. O cordel era considerado o jornal do povo, pois informava a população dos acontecimentos, mesmo antes do rádio e da tv. Os cordelistas podem ser identificados como aqueles que costumam questionar sua própria realidade, permitindo formas de pensar e refletir no mundo, dando esperanças para o povo que vive as margens da sociedade. Sendo um modelo artístico de manifestações da cultura, encontramos em suas narrativas assuntos dos mais variados temas, ligados à problemas sociais, climáticos, às lutas das famílias, aos cangaceiros, etc.

Muitos acontecimentos da história da região Nordeste foram utilizados como temas para a escrita de cordéis, contribuindo para a propagação. O Nordeste torna-se assim, um ambiente propício para a manifestação dessa literatura. A esse respeito, Batista (1997, p. IV) diz,

Fatores de formação social contribuíram pra isso; a organização da sociedade patriarcal, o surgimento de manifestações messiânicas, o aparecimento de bandos de cangaceiros ou bandidos, as secas periódicas provocando desequilíbrios econômicos e sociais, as lutas de família deram oportunidade, entre outros fatores para que se verificasse o surgimento de cantadores como instrumento do pensamento coletivo, das manifestações de memória popular.

Dessa forma, o cordel passa a ser instrumento representativo da cultura dessa região. Através dele, figura-se a história de vida do povo com suas lutas do cotidiano. Nóbrega (2011, p.35) corrobora, afirmando que “no cordel o poeta retrata uma imagem de mundo que pode ser verdade, mas também utópica de suas imaginações”, expressada em suas opiniões a respeito de diversos assuntos. O poeta popular retrata em seus versos a maneira como vê o mundo.

Ao falar da produção dos folhetos de feira nordestinos, Montenegro (2014, p.29) explica que esse tipo de literatura era denominada como popular por ser considerada “um tipo literatura

pertencente a pessoas simples, geralmente analfabetas e iletradas”. Dessa forma, o termo “literatura popular” soava de forma preconceituosa, por ser um tipo de cultura advindo da oralidade e ao levar em consideração os autores que a produziam. Com base em seus estudos sobre o cordel, a autora comenta que “o cordel não fazia parte do cânone, sendo considerado uma subliteratura, não possuindo nenhum valor literário, ao se levar em conta sua configuração estrutural” (MONTENEGRO, p.29).

Na atualidade, muitos estudos acadêmicos apontam para uma valorização para as culturas populares, àquelas que eram consideradas subalternas. O cordel possui uma história que se liga a própria história do Nordeste, entremeado de significados esta não pode ser vista de modo algum como inferior e desqualificada.

Montenegro (2014, p.29) deixa isso em evidência quando se refere às ideias de Chartier (1995, p.183-184), argumentando que “a literatura popular não é diferente da elite, pois é compartilhada por meios sociais diferentes e não somente por meios populares”. Dessa forma, torna-se instrumento aculturado e produtor de aculturação. Tendo em vista este entendimento, não se pode pensar a cultura popular apenas por objetos específicos ou modelos culturais. Ao falar sobre os folhetos como produtor de cultura que não está restrita apenas aos meios populares, a autora enfatiza que os folhetos de cordel tem surpreendido o mundo letrado pela forma como suas leituras tem sido apreciadas. Além disso, tem proporcionado grande sucesso no mercado consumidor por apresentar em sua estrutura autenticidade e originalidade, diferenciando-se até mesmo de outras literaturas que se consideram eruditas.

Percebemos que, atualmente, um número diversificado de pessoas demonstra interesse no conhecimento, leitura, planejamento de trabalhos pedagógicos, utilizando o cordel. Com o surgimento da internet o cordel ganha uma nova forma de ser propagada. Nas escolas, o cordel tem sido didatizado; muitos professores fazem projetos com o intuito de “produzir um cordel” como culminância. Debateremos a seguir sobre o cordel na sala de aula como forma de letramento escolar. Porém, faremos antes algumas considerações sobre os estudos do letramento e sua relação com a leitura. Pretendemos, com isso, contribuir para as investigações na área da educação, ressaltando o valor do cordel como forma de incentivo à leitura.

### 3 LEITURA E LETRAMENTOS: VELHAS PRÁTICAS E NOVOS CAMINHOS

#### 3.1 A leitura como forma de interação

Ler algo é entender? É compreender o que está nas entrelinhas? Tarefa difícil para muitos. Na sala de aula, as dificuldades que os alunos apresentam em relação ao processo de aquisição e domínios da leitura são bem complexos, apesar de entender que está muito visível na escola, basta que os professores dos anos iniciais do Ensino Fundamental I questionem-se o porquê de muitos dos alunos não gostarem de ler.

Segundo o dicionário Aurélio, leitura pode ser considerado: 1. Ato ou efeito de ler; 2. Arte ou hábito de ler; 3. aquilo que se lê; 4. O que se lê, considerado em conjunto. 5. Arte de decifrar e fixar um texto de um autor, segundo determinado critério” (AURÉLIO, 1988, p.390). É importante ressaltar dois fundamentos: primeiramente, um trabalho significativo no processo de formação de leitores deve estar organizado a partir de atividades que envolvam a leitura e a produção de gêneros textuais (GERALDI, 2014). Em seguida, o professor não deve tomar “um texto qualquer”, seja ele literário ou não, como pretexto para ensinar outras questões afastadas da condição social e cultural desse texto, sem que haja uma interface de autor, texto, professor e aluno, ou leitor. Disso concluímos que muitos dos discursos; quer dizer, dos clichês de que “o aluno não gosta de ler” torna-se inverídico, dado que esse questionamento advém puramente do senso comum. Corrobora com esse dado a autora Abreu (2001, p.54), ao afirmar que

Uma concepção elitista de cultura torna invisíveis as práticas de leitura comuns. É leitor apenas aquele que lê os livros certos, os livros positivamente avaliados pela escola, pela universidade, pelos grandes jornais, por uma certa tradição de crítica literária, ainda que os critérios de avaliação, pouca vezes explicitados, estejam vinculados a noções particulares de valor estético, de cidadania, de conhecimento. Todos os demais escritos – mesmo que materialmente idênticos aos livros certos – são não-livros. Da mesma forma, aqueles que os lêem – embora leiam – são não-leitores, pois lêem Sabrina, lêem Paulo Coelho, lêem literatura popular.

Paulo Freire (1989), em seu livro “A importância do ato ler”, resalta que as atividades de leitura demanda esforços por parte dos interlocutores no processo de compreensão da palavra escrita e do mundo que os cercam. Assim, a leitura do mundo, diz ele, precede a leitura da palavra. Entender um texto é perfazer o contexto das condições de produção da leitura, no sentido de fazer com que o leitor passe a se perguntar: quem escreve, para quem escreve, como escreve, em que condições.

Acreditamos ser importante trazer como referências os PCN de Língua Portuguesa nos 1º e 2º ciclos. Para que a leitura aconteça de forma significativa na sala de aula, temos que considerar o processo de interação e das trocas de experiências entre os interlocutores. Com base nesse processo interacionista, os PCN (BRASIL, 2001, p.24) de Língua Portuguesa (1º e 2º ciclos) assumem que

A língua é um sistema de signos histórico e social que possibilita ao homem significar o mundo e a realidade. Assim, aprendê-la é aprender não só as palavras, mas também os seus significados culturais e, com eles, os modos pelos quais as pessoas do seu meio social entendem e interpretam a realidade e a si mesmas.

De acordo com os estudos realizados por Kleiman (2004, p.18), as práticas errôneas de leitura na sala de aula, “contribuem para a formação de leitores não-fluentes”, àqueles que não relacionam o que leem no âmbito escolar com sua realidade, pensando e refletindo criticamente no que está sendo lido. As práticas tradicionais de atividades de leitura que consiste apenas em decifrar palavras, tem motivado os alunos a não desenvolverem o gosto pela leitura. A autora afirma que a leitura não deve ser difícil e cansativa, mas deve ser prazerosa de modo que o educando possa extrair o sentido do texto e assim adquirir o gosto e a fluidez na/pela leitura. Para os PCN (BRASIL, 2001, p.54)

Um leitor competente só pode constituir-se mediante uma prática constante de leitura de textos de fato, a partir de um trabalho que deve se organizar em torno da diversidade de textos que circulam socialmente.

A formação de alunos leitores pode ser proporcionada por meio do estímulo e incentivo dos professores, enquanto modelos de leitores para que, só assim, possam utilizar como recurso a literatura que, por sua vez, existe, na maioria das vezes, para proporcionar uma leitura prazerosa. Embora saibamos que a literatura oportuniza ao aluno a reflexão e atribuição de significados ao que está sendo lido. Diante disto, o professor pode escolher temas atuais e inovadores que possam provocar a curiosidade dos alunos, o que dará suporte para que o conhecimento se torne aprofundado. Segundo Souza (2004, p.223)

O professor deve proporcionar várias atividades inovadoras, procurando conhecer os gostos de seus alunos e a partir daí escolher um livro ou uma história que vá ao encontro das necessidades da criança, adaptando o seu vocabulário, despertando esse educando para o gosto, deixando-o se expressar.

A autora Ligia Cademartori (2009), argumenta que a leitura deve promover a reflexão e objetivar a transformação da realidade de quem ler; dessa forma, o aprendiz tornar-se-á letrado. Nesse sentido, a autora enfatiza que a literatura pode capacitar o leitor a ter sua voz própria quando atribuí significado ao que leu. Através da leitura, o professor pode incentivar os alunos a ampliarem novos horizontes.

Segundo estudos recentes, a leitura possui uma perspectiva dialógica e interacional, fundamental ao desenvolvimento de uma aprendizagem significativa. Um dos estudiosos de renome na dialogia é Mikhail Bakhtin (2003, p.348), no que diz respeito ao estudos dialógicos de leitura. Esse autor, também nos diz que “o sujeito leitor é identificado como aquele que aprende por meio de sua relação social”, passando, assim, a entender e construir sua realidade. Nesse sentido, a linguagem é considerada fator determinante de aprendizado; o diálogo faz parte da vida, assim, dialogar significa questionar, ouvir, responder, entre outras possibilidades de interpretação.

Kock (2006), argumenta que o leitor deve ter o entendimento da concepção de leitura, ou seja, o entendimento sobre a importância da leitura e a necessidade de cultivar esse hábito como algo de fundamental importância, principalmente no processo de formação de leitores competentes que encontrem na escola um modelo de leitura eficiente, amparado na concepção ideológica de letramento, como veremos a seguir. Sem perder de vista o fato de que, cabe apenas ao professor saber dessas concepções de leitura, cabe ao aluno exercitar a prática da leitura e ser motivado a ser um leitor crítico.

Para isto, de acordo com Bakhtin (2003), a leitura está relacionada a uma concepção interacional dialógica da língua, os sujeitos são vistos como autores, construtores sociais, sujeitos que se constroem e são construídos no texto através do diálogo. Nesse sentido, o texto é construído a partir da interação texto-sujeito, realizada com base nos elementos linguísticos presentes na superfície textual, mas que requer um conjunto de saberes comunicativo.

Como estamos observando, a leitura, queiramos ou não, está interligada às práticas sociais. Sendo assim, a familiaridade com diversos tipos de leituras, conectadas à realidade social, pode auxiliar em um processo dialógico do ato de ler. Essa relação dialógica da linguagem é percebida na relação com o outro, mas também em todos os objetos possíveis de conhecimento.

De acordo com os estudos realizados por Kleiman (2004, p.17), “a escola tem sustentado algumas práticas e concepções tradicionais de texto e leitura”. Nesse sentido, ela argumenta

que o texto trabalhado em sala de aula é composto por um conjunto de elementos em que o professor tem por finalidade desenvolver uma série de atividades gramaticais, afastado dos usos sociais dos gêneros textuais. Nosso trabalho perpassa pela reflexão sobre a importância de um trabalho com folhetos de cordel em sala de aula. Embora o papel da literatura de cordel não seja o de didatizar, no sentido de aprender conteúdos de ensino e aprendizagens. Mesmo assim, o aluno pode acabar aprendendo por dedicação.

Percebe-se que o texto tem sido trabalhado de forma a conceber a leitura, apenas, como mera decodificação, sem ser utilizado para extrair o significado (a essência do dito) das palavras. Decodificação que consiste numa forma de leitura sem a devida compreensão do quem está sendo lido, objetivando assim, responder somente as atividades exigidas pelo o professor.

Kleiman (2004 p.20), considera que “a leitura é realizada numa concepção autoritária”, dando a entender que a leitura é estudada de uma única maneira na maioria das vezes quando o cenário apresentado são as salas de aulas. A metodologia utilizada na escola se configura como sendo apenas a realização de atividades referentes aos livros didáticos, o que contribui para a não compreensão do texto, pois não há interação do professor com o aluno. Percebemos que muitos professores tem buscado se esforçar para superar as metodologias consideradas tradicionais, que não abrem espaço para que o aluno torne-se um ser protagonista no processo de aquisição do saber.

Para essa autora, o professor deve buscar propostas mais aprofundadas para melhorar sua metodologia nas aulas de leitura, buscando, dessa maneira, novos caminhos que possam levar os alunos a terem uma aprendizagem significativa. Nesse sentido, é importante que o processo de ensino- aprendizagem esteja veiculada às práticas sociais no contexto de letramento escolar. Mas, o que é mesmo letramento?

### **3.2 Letramento(s)**

Muitas são as discussões em torno de processos de letramento. Sabe-se que o termo letramento está relacionado aos vários aspectos sócio, histórico do domínio da aquisição de um conhecimento por uma sociedade. Assim, há diversas práticas de letramento entendidas dentro de um contexto de um determinado grupo. Conforme Kleiman (2004), torna-se importante ressaltar que o letramento escolar envolve o saber fazer os usos sociais da leitura e da escrita dentro de vários contextos sociais. Sabendo que o que importa, nesse sentido, é que o ensino esteja conectado aos diversos contextos, o que possibilitará o aprendizado por meio da realidade

vivenciada, através da aquisição do código gramatical e linguístico em conexão com os chamados múltiplos letramentos.

O letramento, de acordo com Kleiman (2004), pode ser definido como “um conjunto de práticas sociais que se utiliza da escrita em diversos contextos específicos para fins específicos”. Nesse sentido, a autora afirma que há dois modelos de letramentos: o modelo autônomo e o modelo ideológico. Ambos apresentam concepções diferentes: o modelo autônomo considera o uso da habilidade da leitura e escrita para atender as exigências da sociedade.

Esse modelo, de acordo com Street (2013, p.51), será visto numa concepção no qual “não há possibilidade do sujeito compreender os discursos presentes nas diversas interações” o que torna impossível a formação do leitor competente e participativo. Já o modelo ideológico admite a pluralidade das práticas letradas, valorizando seu significado cultural e contexto de produção, ou seja, nesse modelo, o momento de aprender é quando se faz uso da aprendizagem. Assim, é necessário levarmos em conta alguns pressupostos básicos para que o leitor adquira a prática da leitura de forma que compreenda o que está sendo lido.

E, em sendo assim, é importante destacarmos a diferença entre o que se entende por alfabetização e letramento. Para Soares (2009, p.47), “o letramento e alfabetização são ações distintas, porém inseparáveis”, ou seja, o ensino da leitura e da escrita deve consistir no contexto das práticas sociais da leitura e da escrita, de modo, que o indivíduo, ao mesmo tempo em que é alfabetizado, possa tornar-se letrado.

No que diz respeito ao fenômeno do letramento, Kleiman (1995, p.20), afirma que “a escola, a mais importante das agências de letramento da atualidade, está preocupada com apenas um tipo de letramento, a alfabetização”, enquanto processo de utilização dos códigos (alfabético, numérico), deixando de se preocupar com o letramento enquanto prática social. De acordo com as pesquisas realizadas, a autora ainda destaca que as práticas de letramento na escola evidencia o modelo autônomo de letramento, que considera a aquisição da escrita como um processo neutro, deixando de considerar os contextos sociais e passando a promover apenas atividades que desenvolvem a capacidade de interpretar e escrever textos abstratos.

Observa-se que o letramento no contexto escolar se mostra ineficaz quando separada das práticas sociais, uma vez que é concebida como prática de imposição de códigos, sabendo que, aqui, nesse trabalho estamos tratando de letramento literário, uma vez que enfocamos a literatura de cordel na escola e na sala de aula. Portanto, na sala de aula, o letramento deve ter a essência do que postula a prática social de ensino, que tem como objetivo a compreensão dos diversos tipos de leitura, perpassando inclusive o saber subjetivo de cada indivíduo.

Tfouni (1995, p.9), colabora com nossa discussão ao afirmar que, “enquanto a alfabetização tem como função o domínio da aquisição da escrita por um indivíduo, ou grupos de indivíduos, o letramento objetiva os aspectos sociais e históricos da aquisição de um sistema escrito por uma sociedade”. Diante disto, Toufoni (1995, p.23) afirma que,

Em termos sociais mais amplos, o letramento é apontado como sendo produto do desenvolvimento do comércio, da diversificação dos meios de produção e da complexidade crescente da agricultura. Ao mesmo tempo, dentro de uma visão dialética, torna-se uma causa de transformações históricas profundas, como o aparecimento da máquina a vapor, da imprensa, do telescópio, e da sociedade industrial como um todo.

Desse modo, compreendemos que o letramento vai além da aquisição da escrita, sendo que os sujeitos além do domínio da escrita, aprendem a atuar em diferentes contextos sociais. Nesse sentido, Bezerra (2000) argumenta que o letramento se refere a uma forma de agir e interagir nas práticas sociais.

Santos e Mendonça (2007), declaram que a escola nas sociedades contemporâneas tem sido vista como a instituição responsável por promover o letramento. Pesquisas mostram que as práticas de letramento na escola estão distanciadas daquelas que ocorrem em outros contextos. Os alunos saem da escola apenas com o domínio das habilidades de leitura de escrita, porém são incapazes de ler e escrever textos diversificados em diferentes situações, ou seja, muitos são incapazes de lidar com os usos cotidianos da leitura e da escrita em contextos não escolares. Nessa perspectiva Santos e Mendonça (2007) afirmam que

Sabemos que, para a formação de leitores e escritores competentes, é importante a interação com diferentes gêneros textuais, com base em contextos diversificados de comunicação. Cabe à escola oportunizar essa interação criando atividades em que os alunos sejam solicitado a ler e produzir diferentes textos por outro lado é imprescindível que os alunos desenvolvam autonomia para ler e escrever seus próprios textos.

Com este entendimento, é importante que o educador(a) possa oferecer formas de aprendizagem por meio do contato com diferentes textos nos diversos contextos sociais em que são utilizados. Ainda de acordo com Mendonça (2007, p.46), o termo letramento é central na compreensão dos processos de aprendizagem até mesmo para que o professor possa intervir na prática de sala de aula.

Como podemos perceber o letramento está interligado as práticas sociais por meio de contextos históricos e sociais de cultura. Dessa forma, Soares (2001, p.24) nos faz entender que

Um indivíduo pode não saber ler e escrever, isto é ser um analfabeto, mas ser de certa forma letrado (atribuindo a esse adjetivo sentido vinculada letramento). Assim, um adulto pode ser analfabeto porque marginalizado social e economicamente, mas se vive em um meio em que a leitura e a escrita têm presença forte, se interessa em ouvir a leitura de jornais feita por um alfabetizado, se recebe cartas que outros leem para ele, se dita cartas para que um alfabetizado as escreva (e é significativo que, em geral, esse analfabeto é de certa forma, letrado, porque faz uso da escrita, envolve-se em práticas sociais de leitura e escrita. Da mesma forma, a criança que ainda não se alfabetizou, mas já folheia livros, finge lê-los, brinca de escrever, ouve histórias que são lidas, está rodeada de material escrito e percebe seu uso e função, essa criança ainda é “analfabeta” porque ainda não aprendeu a ler escrever, mas já penetrou no mundo do letramento, já de certa forma, letrada.

Entendemos que o fenômeno do letramento acontece até mesmo com pessoas que não possuem o domínio da leitura e da escrita; isto acontece quando o indivíduo se envolve com a leitura e escrita através das práticas sócias no qual está envolvido. Por isso, é relevante ressaltar que o letramento escolar deve permitir práticas de leitura ancoradas numa concepção ideológica, vinculada a práticas sociais de produção de recepção de textos. Os múltiplos letramentos devem interagir no contexto de sala de aula. Apesar de estamos rompendo com a ideia de padronização instauras ao longo do tempo por um modelo de letramento dominante, muito ainda precisamos avançar na valorização de formas de expressão considerados marginalizados, como a literatura de cordel. A seguir, veremos como o cordel pode ser trabalhado em sala de aula, quando o cenário apresentado é os anos iniciais do Ensino Fundamental.

### **3.3 Letramento literário com Folhetos de Cordel**

A Educação é tudo:  
Amplia o conhecimento  
Faz do homem passarinho  
No imenso firmamento  
Nos conduz ao infinito  
Nas asas do pensamento.  
(GUSTAVO DOURADO)

Como vimos, a literatura de cordel é um gênero textual literário que traz informações do ponto de vista social, histórico e cultural de nossa região. Já Silva (2014, p.35), diz que “[...] a literatura de cordel traz a identidade do povo do Nordeste, sendo visto no interior do sertão

nordestino como um meio prazeroso de comunicar-se e retratar nossa cultura”. Desse modo, pode ser visto como uma forma de letramento por trazer em suas narrativas uma riqueza de conhecimento da cultura regional. Segundo o autor, o poeta popular apresenta na literatura de cordel, por meio de sua experiência própria, as suas vivências locais, expressando seus sentimentos, anseios, alegrias, e tristezas do povo e do lugar onde convive, “utilizando-se como instrumento de memória coletiva, através de temas que envolvem o heroísmo, o sagrado, histórias míticas e lendárias, perpassando o real e o ficcional” (SILVA, p.32).

Na atualidade, a literatura de cordel tem sido bastante trabalhada nas salas de aula. De acordo com Evaristo (2000, p.120), “o cordel mantém uma função educativa, sendo vista não apenas como forma de entretenimento, mas servindo como meio moderno de veiculação de informações dos fatos do cotidiano que constituem muitas de suas temáticas”.

Silva (2013), ao analisar o trabalho com cordel na sala de aula, apresenta a ideia de Pinheiro (2012, p.106), quando este se refere que “a utilidade do cordel na sala de aula, não deve servir somente como recurso de informações, mas levar o aluno a perceber o pensamento do poeta diante das histórias retratadas”, o que deve ser levado em conta o caráter ficcional da produção.

Diante das diversas temáticas que essa forma de expressão popular aborda, o que envolve uma diversidade de aprendizado histórico-cultural da região Nordeste, o cordel pode ser utilizado nas aulas de leitura para desencadear o processo de letramento escolar fazendo uso da leitura através da realidade de um povo, por meio de uma postura reflexiva e significativa das informações presentes na literatura.

Os folhetos de cordel na sala de aula pode promover o interesse do aluno quando aproxima-se de sua realidade, ou seja do seu contexto sociocultural, desse modo entendemos que o aluno pode atribuir significado ao que leu. A leitura a qual não está associada a realidade do aluno, não pode contribuir para um aprendizado significativo que leve o aluno a pensar de forma crítica. Kleiman (2008, p.16) diz que

Ninguém gosta de fazer aquilo que é difícil demais, nem aquilo do qual não conseguem extrair o sentido. Essa é uma boa caracterização da tarefa de ler em sala de aula: para uma grande maioria dos alunos ela é difícil demais justamente porque não faz sentido.

O cordel é considerado como elemento significativo na sala de aula, basta que “o professor, ao considerar o contexto sociocultural, [...] explore diversos aspectos como: as relações sociais de classe, as brincadeiras, o riso, a política, a religião os preceitos morais

transmitidos”, entre outros, essenciais para a promoção de um trabalho proveitoso, no qual a aprendizagem aconteça de forma interativa. Nesse sentido, “é necessário que o professor faça uma seleção dos textos de cordel que podem ser escolhidos pelos alunos, pode ser o de seu maior interesse, de modo que se aproxime da sua realidade. Isso trará interesse e gosto pela leitura” (SILVA, 2013, p. 34).

De acordo com Silva (2013), ao se referir às ideias de Mohr (2006, p.29), afirma que “os alunos podem ter um maior rendimento escolar quando este faz uso da leitura de forma crítica, entendendo o contexto no qual está inserido”, obtendo assim, um aprendizado com maior abrangência. Para isso, é necessário um maior envolvimento e incentivo à leitura literária dentro e fora da escola. Porém, de acordo com o autor, a literatura na escola está sendo realizada apenas com o intuito de avaliação, distanciadas das práticas sociais.

Ao tecer considerações sobre o cordel na sala de aula, Marinho e Pinheiro (2012, p. 12) argumentam que

[...] Considerá-lo apenas como ferramenta que pode contribuir com assimilação de conteúdos disseminados nas mais variadas disciplinas (história, geografia, matemática, língua portuguesa) não nos parece uma atitude que contribua para a construção de uma significativa experiência de leitura de folhetos.

Desse modo, compreendemos que o cordel deve contribuir para o letramento literário escolar quando o professor promove o estudo de forma crítica, ressaltando as variadas informações presentes no texto, mas sem cobranças didáticas. É importante ressaltar, conforme Pinheiro (2012, p.126), que “a prática pedagógica que utiliza o cordel apenas como meio de informação sobre os personagens, os fatos históricos e os fatos da linguagem, não é adequada pra a sala de aula, pois se restringe somente como meio de informação, o que não contribui para uma aproximação da leitura reflexiva”. De acordo com o autor, a leitura dos folhetos deve ser feita de forma oral, em voz alta e repetindo sempre a leitura para que se perceba o ritmo, o que ajudará fazer a entonação correta das rimas.

Dessa forma, o professor pode levar o aluno a perceber as informações, como também buscar o entendimento dos fatos históricos da realidade do povo por meio de uma leitura prazerosa, fazendo com que o leitor possa ter o entendimento do que está sendo lido, não se tornado apenas um instrumento de aprender conteúdos em sala de aula, ou apenas como fruição, mas deve-se levar em consideração as várias possibilidades de leituras que o cordel traz. Referindo-se a isso, Pinheiro (2012, p. 12) explica que

Ninguém aprende decorando regras métricas e rimas. Mesmo os que aprenderam a ler com os folhetos, foram primeiro tocados pela fantasia das narrativas, pelo humor de situações descritas, enfim, pelo o viés da gratuidade e não pelo o pragmatismo de suas informações.

Nessa perspectiva, Freire (2003), afirma que para o educador promover ao educando um “bom” aprendizado, é preciso que esse venha através da realidade em que cada um vive. Assim podemos aprender a ler com as experiências de vida, fazendo primeiro uma interpretação do nosso mundo exterior, de nossa própria realidade. Daí concordar com Paulo Freire (2003), quando diz que a leitura de mundo precede a leitura da palavra. Dessa forma, compreendemos também que a leitura não deve ser memorizada, mas apropriada, apreendida, de modo a entendermos do o significado das palavras. Crescemos intelectualmente quando adquirimos a prática da leitura, baseada em práticas do cotidiano, da cultura local, com ênfase nas tradições orais que foram transmitidas ao longo da história, como os folhetos de cordel.

A educação pode cumprir com o seu papel quando oferece possibilidade ao educando de se sentir desafiado a buscar mudanças para a sociedade por meio da problematização e pelo confronto com os diversos diálogos. Nesse sentido, a aprendizagem envolve um conhecimento aprofundado a acerca dos modos de vida das variadas culturas e identidades.

Podemos observar através da literatura de cordel uma forma de entendimento de mundo, a partir de suas temáticas variadas fazendo com que o educando leia de modo crítico, sendo também letrado na esfera escolar. De acordo com Araújo (2013), a escola como espaço de cultura deve criar condições de aprendizagem, sendo necessário adotar diferentes formas de situações de aprendizagem que possam motivar os diferentes grupos étnicos e culturais a participar do ato educativo. Com este entendimento o ambiente escolar deve ser permeado por discussões das diversidades culturais, identidades e culturas em torno de uma aprendizagem que leve em conta os diversos saberes. Diante disso, Araújo (2013, p.193) comenta que

Há saberes, como o popular por exemplo que são excluídos da escola por não serem considerados científicos e portanto não merecedores do mérito de participar do espaço escolar. A escola que se tem hoje não pretende ser inclusiva, pois é no cotidiano, através do saber da experiência e das práticas culturais, que são realizadas ações educativas que tornam possível produzir também um tipo de ciência, que está alçada num saber popular, o qual pode, participar da vida dos sujeitos educativos no universo escolar.

Ainda de acordo com Araújo (2013, p.207), “o saber popular produz conhecimento, que pode fazer parte do saber escolar”, pois esse pode gerar aprendizado advindo do ambiente

cotidiano, que é de grande valor pelo os sujeitos sociais nas suas esferas de experiência. A autora enfatiza que o cordel pode contribuir para o aprendizado dos sujeitos quando este faz uma articulação da abordagem textual do texto poético com a realidade vivenciada por eles. Nesse sentido, ela deixa claro que o cordel pode educar através de suas rimas da sua ludicidade. Assim, também podem ativar o imaginário por apresentar a arte da palavra por meio de palavras rimadas, que trazem sentido à vida dos sujeitos presentes nos versos.

O texto de cordel apresenta uma multiplicidade de significados em suas intepreções do cotidiano, pois é representado nos seus versos as experiências das pessoas a partir da observação que o poeta faz. Com isto, o cordel é uma forma de conhecimento da sociedade que pode ser considerado um modo de ensinar e aprender pois transmite sempre novos saberes sobre os vários acontecimentos históricos do presente e do passado. O cordel é um meio educativo porque o leitor pode identificar-se com as obras formando uma visão de mundo.

## 4 O CORDEL NA SALA DE AULA: ANÁLISE E DISCUSSÃO DOS DADOS

### 4.1 Sujeitos pesquisados, metodologia e *lócus* da pesquisa

Para efetivarmos nossa pesquisa, buscamos inicialmente conhecer algumas escolas municipais e estaduais, procurando informações com os gestores para sabermos se a instituição trabalhava com folhetos de cordel. Fomos a três escolas do Município de Soledade – PB, as quais constituíram com nossa pesquisa, que foram: Escola Municipal Professor Luiz Gonzaga Burity Escola Municipal Lúcia Matias de Oliveira e Escola Municipal de Ensino Fundamental Maria do Carmo Araújo Souto. Em cada escola identificamos alguns professores que já tinham realizado trabalhos com o cordel em sala de aula. Procuramos então, selecionar dois professores da Escola Burity, por ser a maior escola municipal da cidade; nas demais, selecionamos um professor por instituição para realizarmos uma entrevista oral, aplicando um questionário para sabermos como o trabalho com o cordel foi desenvolvido na escola.

Através de um questionário, eles foram levados a compartilhar suas experiências no trabalho com a literatura de cordel. Dessa forma, compartilharam suas opiniões acerca da sua prática pedagógica, para que nos fosse possibilitado analisar como tem sido realizado o trabalho e de que forma essa literatura pode contribuir para o aprendizado dos alunos. Com esta pesquisa pudemos entender, de fato, como ocorre a prática pedagógica, em confronto com a teoria estudada.

Para fins didáticos e para sermos éticos com as informações prestadas, resolvemos denominar os professores (as) por letras do alfabeto, que ficou definido de acordo com o quadro abaixo:

**Quadro 1: Professores e escolas pesquisadas**

<b>Professor A</b>	Escola Municipal Professor Luiz Gonzaga Burity
<b>Professora B</b>	Escola Municipal Lúcia Matias de Oliveira
<b>Professora C</b>	Escola Municipal Professor Luiz Gonzaga Burity
<b>Professora D</b>	Escola Municipal de Ensino Fundamental M. do C. A. Souto

**Fonte:** Caderno de campo da pesquisadora.

Os professores entrevistados ministram suas aulas em turmas do 3º ao 5º dos anos Iniciais do Ensino Fundamental. Todos possuem formação superior nas referidas áreas de atuação, inclusive com especializações e mestrado. Três são efetivos e pedagogos. Apenas um

é contratado, formado em Letras - habilitação Língua Portuguesa - e possui mestrado em Educação, com experiência, também, no Ensino Fundamental I<sup>1</sup>.

Sobre a estrutura dos prédios das escolas, todas possuem uma boa estrutura física, propícia ao bom desempenho do alunado. Quanto aos aspectos administrativos, os (as) gestores (as) escolares promovem ações para o desenvolvimento integrado da equipe de funcionários da instituição e professores, favorecendo a organização dos vários segmentos que compõem as unidades de ensino. Dessa forma, adotam práticas de gestão participativa, a partir da busca por uma escola dinâmica e relações pessoais agradáveis, que favorecem um bom funcionamento e organização da instituição, além de um ambiente escolar propício ao ensino-aprendizagem<sup>2</sup>. Segundo Felix (1996, p.74),

A organização Escolar e o sistema escolar como um todo, para adequar-se às condições sociais existentes e atingir os objetivos que são determinados pela sociedade, necessita assimilar métodos e técnicas de administração que garantam a eficiência do sistema, justificando assim a sua própria manutenção.

Foi justamente isso que percebemos nas falas dos (as) gestores (as). Foram unânimes em afirmar que as escolas procuram construir uma ação coletiva e compartilhada no processo do aprender, envolvendo professores, alunos, funcionários e a comunidade escolar. Os desafios são vários, porém as equipes se mostram responsáveis em superá-los, através do enfrentamento real das dificuldades, comprometendo-se com seu dever social de construir uma escola que promova a participação, a inclusão e a transformação da realidade, contribuindo assim para a formação de cidadãos críticos e reflexivos na sociedade. Embora saibamos que nem sempre os discursos condizem com as práticas.

A metodologia utilizada para realização da referida pesquisa foi desenvolvida por meio de entrevistas orais e aplicação de um questionário de cunho qualitativo, de caráter exploratório, que estimula os entrevistados a pensarem livremente sobre o tema, objeto ou conceito, buscando percepções e entendimento sobre a natureza geral de uma questão, abrindo espaço para interpretações.

Para isso, fizemos a pesquisa bibliográfica para aprofundamos nossos conhecimentos teóricos a respeito da temática abordada nesse trabalho. Utilizamos como procedimento para a coleta dos dados uma visão analítica e reflexiva da pesquisa bibliográfica. Os nossos estudos efetivaram-se por meio de entrevista semiestruturadas realizadas com professores. O nosso

---

<sup>1</sup> Informações passadas oralmente pelos professores e anotadas em nosso caderno de bordo.

<sup>2</sup> Informações passadas oralmente pelos (as) gestores (as) no dia das entrevistas aos professores.

objetivo foi identificar como se dá o trabalho com a leitura e como eles desenvolvem atividades com a literatura de cordel em sala de aula, já que é um gênero literário expressivo da nossa cultura. Como instrumento de coletas de dados utilizamos também um caderno de campo para anotar as informações cedidas oralmente durante as entrevistas.

#### **4.2 O que dizem os professores: relatos de experiências com o cordel nos anos iniciais do ensino fundamental**

O papel educativo do cordel, enquanto recurso importante nas disciplinas escolares na escola básica volta-se para as potencialidades na arte de ensinar e favorece, no ambiente de sala de aula, a interação, a convivência e o diálogo com diferentes culturas (ARAÚJO, 2007, p.186).

A seguir apresentaremos a análise das entrevistas (em anexo) realizadas com professores à respeito do trabalho com o cordel na sala de aula. Eles responderam uma entrevista escrita acerca de suas experiências com o cordel. Outros dados que consideramos relevantes anotamos em nosso caderno de campo. De início, perguntamos se os entrevistados (Professores A, B, C e D) já haviam desenvolvido algum trabalho com o cordel. Caso a resposta fosse positiva, ele(a) deveria detalhar um pouco como foi desenvolvido esse trabalho.

O Professor A respondeu que desenvolveu o trabalho a partir de um projeto pedagógico, num período de dois meses. O Professor já tinha experiências em turmas de EJA e nas modalidades de Ensino Fundamental e Médio. Segundo o Professor, o projeto didático foi dividido em quatro etapas que buscavam trabalhar a linguagem do cordel, o fenômeno da seca e a identidade do sujeito Nordestino<sup>3</sup>. “Os alunos foram levados a ter contato com folhetos que tematizavam o tema da seca na região Nordeste. (Professor A)”.

Geraldi (2010), em suas reflexões afirma que um projeto de leitura não pode deixar de considerar os acontecimentos relacionados à realidade social dos alunos. Assim, a prática docente nas atividades de leitura deve perpassar, também, pelas tradições orais de cultura. Dessa forma, podemos ver nos folhetos de cordel uma forma de trabalho com temas ligados a realidade do educando como o tema interligado à seca na Região Nordeste como destacou o Professor A. Segundo ele, o projeto desenvolvido foi pensado a partir do princípio da realidade local dos discentes, levando em consideração a convivência com a seca. Ele ainda informou que, levar para sala de aula folhetos que tematizavam o fenômeno da seca fazia com que os alunos

---

<sup>3</sup> Informação cedida oralmente pelo professor A e anotada em nosso caderno de bordo.

(re)conhecessem o próprio universo cultural, através de elementos simbólicos transpassados por valores e crenças, identificando-os através da experiência da leitura enquanto sujeitos no mundo<sup>4</sup>.

A Professora B não argumentou como foi desenvolvido o trabalho, apenas respondendo que tinha, sim, desenvolvido algum trabalho com o cordel. A Professora C falou que o trabalho foi desenvolvido a partir de uma temática que fazia parte de um projeto maior da escola. Nessa voz, não se percebe o compromisso de que tratamos no corpo desse trabalho quanto à exploração do gênero textual literário.

A Professora D falou que foi desenvolvido para mostra pedagógica (feira de ciências), apenas para produção de uma sextilha para conhecermos a história da Paraíba. Com isso, percebemos também que nas falas das Professoras C e D que o cordel foi inserido no ambiente de sala de aula a partir de uma temática. No caso da Professora D, o cordel foi utilizado como pretexto para conhecer a história da Paraíba e apenas utilizado para reconhecimento da estrutura do gênero.

Perguntamos qual o maior objetivo do/as professor/as ao trabalhar a literatura de cordel.

Desenvolver habilidades de leitura e compreensão textual. **(Professor A)**

Desenvolver no aluno o gosto pela leitura por fruição e valorização da cultura nordestina, assim como da importância deste tipo de literatura. **(Professora B)**

Estimular o gosto pela leitura e escrita. **(Professora C)**

Fazer com que os alunos despertassem o interesse pela leitura e aprimoramento da escrita. **(Professora D)**

O/as professor/as foram unânimes em ressaltar a importância dos folhetos de cordel como um meio para despertar o interesse pela leitura. Segundo eles, levar o cordel para sala de aula faz com que os alunos se interessem mais pelas atividades propostas, uma vez que a linguagem presente nos folhetos está próxima à linguagem dos alunos, além de trazerem muitas histórias divertidas, como as de Seu Lunga e do João Grilo, argumenta a Professora B: “Os alunos riem muito e participam mais”<sup>5</sup>.

Percebemos que o/as professor/as pouco falaram sobre a modalidade da oralidade a partir dos folhetos de cordel no contexto da escola. O foco era o trabalho com a leitura e, no

---

<sup>4</sup> Informação cedida oralmente pelo professor A e anotada em nosso caderno de bordo.

<sup>5</sup> Informação cedida oralmente pelo professor B e anotada em nosso caderno de bordo.

caso das Professoras C e D, também desenvolver a escrita. O/a Professor/a A e B ressaltaram a literatura de cordel como recurso para o ensino-aprendizagem, tendo em vista utilizá-lo como objeto de valorização da cultura regional. Os PCN (BRASIL,2001, p.41) afirmam que

[...] É fundamental que a escola assuma a valorização da cultura do seu próprio grupo e ao mesmo tempo, busque ultrapassar seus limites propiciando às crianças e aos jovens de diferentes grupos sociais o acesso ao saber tanto no que diz respeito aos conhecimentos socialmente relevantes da cultura brasileira no âmbito nacional e regional.

Percebemos que o/a Professor/a A e B percebem o cordel enquanto produto cultural, além do mais traz uma identidade para os alunos, enquanto as Professoras C e D se voltaram mais para a questão estrutural do gênero cordel, atendendo a questões burocráticas da escola, ao utilizar o cordel em feira de ciências ou apenas na semana do folclore. Quanto ao entendimento do/a Professor/a A e B, vemos que o cordel pode ampliar o entendimento do aluno sobre o sentido e significado de cultura, termo transpassado por ideologias. Para Hernández (2005, p.77)

[...] Este termo vem a referir-se a todo um conjunto devidamente articulado de elementos relacionados com a forma de pensar, sentir e atuar, ligada a crenças básicas e gerais que dão aos diversos grupos culturais um grau mais ou menos elevado de coesão. Assim entendida, a cultura pode incluir perspectivas próprias de gênero, de classe social, de grupos étnicos e até das religiões.

Para o/a Professor/a A e B, o cordel é sinônimo de cultura. A literatura de cordel é eficaz na sala de aula, pois também faz parte da vivência da realidade da própria cultura do aluno, despertando o interesse para leitura, uma vez que, além de fazer parte do seu mundo, o fará compreender fatos de sua própria realidade.

Gosto muito de trabalhar o sentido das palavras e das imagens que as capas dos folhetos trazem. Uma vez trabalhei um folheto intitulado “Viagem a São Saruê”, do autor Manoel Camilo, que retratava a realidade de muitos da região, quando vão embora por causa da seca em busca de uma vida melhor nas terras do sul. É interessante que os alunos se divertem muito. Tem-se uma ideia de uma terra encantada, cheia de riquezas e muitas maravilhas, que é símbolo de um paraíso aqui na terra. Na história tem árvores que suas folhas se tornam em dinheiro, aí os alunos ficam só imaginando num mundo melhor<sup>6</sup>.  
**(PROFESSOR A, 2017)**

---

<sup>6</sup> Informação cedida oralmente pelo professor A e anotada em nosso caderno de bordo.

Vemos que o Professor A gostava muito de contar suas experiências na sala de aula. Inclusive, sentimos a necessidade de ter levado um gravador no dia da entrevista. Contudo, conseguimos fazer algumas anotações que achamos necessário trazer neste momento para análise. Em conformidade com o que diz o Professor A, Santos (2006, p.37) afirma que,

O folheto estabelece uma via de transição entre uma realidade dura, muitas vezes dramática, e um mundo imaginário que lhe fornece as chaves da compreensão do real. Essa passagem servirá tanto para ligar o cotidiano ao sonho, quanto para inserir a história maravilhosa na vida de todos os dias.

Araújo (2007, p.207) comenta que “os cordéis são ativadores da imaginação, uma vez que os poetas de cordel, mestres das palavras rimadas, usam a arte da palavra para dar significado à vida de seres humanos anônimos que circulam em seus versos”. De modo geral, observa-se que na escola, na maioria das vezes, o estudo de textos, a exemplo do cordel, não favorece um aprendizado eficaz, na medida em que as práticas vivenciadas em sala de aula se encontram afastadas do contexto real do aluno, tornando-se distanciadas do usos sociais. Desse modo, é impossível produzir interesse no educando, uma vez que ele não encontra sentido no que está aprendendo. Observamos que o cordel tem a possibilidade de mudar esse discurso, contribuindo amplamente na aprendizagem discente, servindo como valioso instrumento de letramento escolar. Não é apenas um texto qualquer, que deva ser utilizado para estudo da sua estrutura textual. Para Roxo (2004, p.2),

[...] Ser letrado e ler na vida e na cidadania é muito mais que isso: é escapar da literalidade dos textos e interpretá-los, colocando-os em relação com outros textos e discursos, de maneira situada na realidade social; é discutir com os textos, replicando e avaliando posições e ideologias que constituem seus sentidos; é, enfim, trazer o texto para a vida e colocá-lo em relação com ela. Mais que isso, as práticas de leitura na vida são muito variadas e dependentes de contexto, cada um deles exigindo certas capacidades leitoras e não outras.

Fomos percebendo que alguns professores possuíam uma visão bastante estrutural com relação ao cordel e ao trabalho com textos na sala de aula. Menegassi (2005), apresenta uma discussão bastante calorosa sobre essa temática.

[...] O texto produz mudanças no aluno e no professor; o aluno produz mudanças no texto e no professor; este produz mudanças no aluno e no texto. Não que se delimite aqui que as mudanças sejam visíveis, ao contrário, seus aspectos cognitivos podem ser observados a partir das discussões que se processam na interlocução que se estabelece entre os três participantes. Se essas interações forem orientadas na direção de se produzir novos sentidos,

sempre pela mediação do professor, e não de sua simples interferência, certamente o aluno aprende e desenvolve estratégias que lhe possibilitem trabalhar com o texto, sem necessariamente ter receio de produzir mudanças em seus pensamentos e atitudes (MENEGASSI, 2005, p.110).

Para nos aprofundamos na pesquisa, perguntamos qual(is) metodologia(as) os professores utilizavam para trabalhar com o cordel na sala de aula:

Utilizamos oficinas de leitura, exibição de músicas regionais, viagem ao Museu de Arte Popular da Paraíba, etc. **(Professor A)**

Leitura compartilhada, rodas de leitura, peças teatrais, debates, reescrita de versos de cordéis, etc. **(Professora B)**

Trabalhar a temática que será explorada no cordel; trabalhar o gênero textual: origem, xilogravura, etc; ler cordéis; trabalhar a métrica; “estudar rima”; Fazer reescrita de estrofes, ilustrações e expor cordéis numa feira de ciências. **(Professora C)**

Iniciamos com pesquisas bibliográficas de autores paraibanos que são destaques nesse gênero, leituras e recitações de cordéis trazidos pelos alunos para exposição em murais até a produção de sextilhas dos alunos fixados em um cordão. **(Professora D)**

O/a Professor/a A e B utilizaram recursos variados, indo de oficinas de leitura, peças teatrais em sala de aula, até a promoção de viagem cultural para integrar os saberes advindos dos folhetos. Na sequência, perguntamos como eram desenvolvidos os momentos de leitura para ambos<sup>7</sup>:

Eu faço atividades antes, durante e depois que a gente ler o folheto. Sempre começo questionando oralmente os alunos sobre o tema que o folheto vai trazer, tentando conquistar a atenção deles. **(Professor A)**

Eu tento fazer com que meus alunos se tornem leitores participantes, fazendo perguntas na hora da leitura. Primeiro peço que eles façam uma leitura silenciosa e depois fazemos uma leitura coletiva. **(Professora B)**

Diante do exposto pelo/a Professor/a A e B, percebemos que a metodologia utilizada por eles é condizente para o aprimoramento da leitura, uma vez que eles utilizaram o momento de leitura em sala de aula de forma dinâmica e compartilhada, numa mesclagem de leitura silenciosa e coletiva. Evidenciando também o fato da oralidade presente nos folhetos de cordel, evidenciada nas atividades desenvolvidas por este/a Professor/a. Cremos que os folhetos podem

---

<sup>7</sup> Informações cedidas oralmente pelos professores A e B e anotada em nosso caderno de bordo.

auxiliar no processo de aproximação com o texto literário, criando condições para uma leitura crítica e reflexiva, servindo para desenvolver não apenas uma habilidade da língua, mas o conjunto de leitura, escrita e oralidade. Sobre isso, Pinheiro (2007, p.39) evidencia que:

[...] Nossa perspectiva busca enfatizar o folheto como literatura – e não meramente como informação, jornalismo e outras abordagens de caráter pragmático. Qualquer que seja a escolha, um aspecto precisa ser reforçado: o folheto é para ser lido. Ele pede voz. A sala de aula nos parece bastante adequada para vivência da leitura de folhetos, uma vez que poderá ser transformada num lugar de experimentação de diferentes modos de realização oral.

A Professora C confundiu a metodologia com os objetivos que ela pretendia ao realizar o projeto. Ela destacou o ensino das rimas e ritmos, fortemente presente no cordel. Segundo Araújo (2007, p. 2007), “os folhetos contribuem para que os sujeitos aprendentes façam uma articulação entre a abordagem textual e a realidade vivenciadas por eles. Ele educa através da rima e do lúdico”. A Professora D continuou relacionando o trabalho com os folhetos com o tema que pretendia trabalhar, levando os alunos a produzir algumas estrofes ao término das atividades. Como vimos, a leitura oral se faz necessária para o desenvolvimento de uma leitura reflexiva do texto de cordel, não podendo ser deixada de fora.

Através das rimas e ritmos presentes nos folhetos, possibilita-se aos alunos uma aprendizagem prazerosa em que eles constroem os conhecimentos com maior facilidade, tendo acesso aos relatos das histórias do povo de sua região, fatos cotidianos, lendas, temas religiosos, entre muitos outros, que foram veiculados oralmente e depois escritos nos cordéis.

Pinheiro (2012, p.136) afirma que outra atividade que não pode faltar ao trabalhar o cordel é “a exploração das xilogravuras, conhecendo seu significado sua relação com a história, seu tipo de caráter realista ou fantasioso, a influência que tem sobre inúmeros artistas, nas suas formas, temas, traços predominantes”, etc. Para o autor, os alunos podem até criar xilogravuras que retratem sua realidade social, relacionado à capa com os versos escritos. Para Araújo (2007, p.211),

[...] É no ambiente escolar que o cordel abre espaço para estimular a criatividade e o desenvolvimento cognitivo do educando, motivando-o à assimilação do conhecimento expresso em verso. Isso é possível, porque o cordel fala, quase sempre, de assuntos inerentes à realidade social onde o educando está inserto, incentivando-o a conhecer a sua realidade social.

Como podemos perceber, através da fala da Professora D é importante que este possa oportunizar atividades de criação de estrofes de cordel, após a leitura. Pinheiro (2012, p.136) diz que “os alunos podem ser motivados sim, a reescrever um fragmento quando este se utilizou de diferentes leituras de poemas de cordel”.

Perguntamos também ao/as entrevistado/as se houve alguma dificuldade para trabalhar o cordel em sala de aula? Ao que responderam:

Sim, ter que xerocopiar os folhetos. **(Professor A)**

Não, o trabalho com a literatura de cordel é sempre prazeroso para criança. **(Professora B)**

Sim, alguns alunos têm dificuldades em encontrar rimas, talvez por uma questão de vocabulário. **(Professora C)**

Houve bastante dificuldade para o desenvolvimento do cordel devido uma parte da turma não dominar a leitura e escrita. **(Professora D)**

Como vimos, o Professor A apresentou a dificuldade financeira de xerocopiar os folhetos para levá-los na íntegra para a escola, embora ele tenha nos falado que recorreu à direção da escola para solucionar o problema. No entanto, a gestão escolar disse que não tinha papel ofício disponível e a impressora estava quebrada<sup>8</sup>.

Por outro lado, é importante perceber que o Professor buscou não descaracterizar a estrutura textual do cordel apresentando para os alunos como realmente eles se apresentam quanto à estrutura de texto. Contudo, vale ressaltar que os folhetos de cordel, assim como outros gêneros textuais, no sentido de que, se por um lado, os gêneros textuais sofreram um processo de mudança com o advento da internet, por outro lado, as redes sociais requerem um maior uso dos gêneros no seu interior. É o que alguns autores chamam de processo de midiaticização. Ao levar um cordel para o espaço da aula, o professor pode explicar que os tradicionais folhetos de cordel estão muito presente no terreno da internet.

A Professora B foi a única que não apresentou dificuldade alguma de trabalhar o cordel, destacando que “é sempre prazeroso para a criança”. As professoras C e D destacaram dificuldades devido aos alunos não saberem o que é rima, por não conhecer algumas palavras e por não dominar a leitura e escrita. Percebemos que ambas as professoras afirmaram que não houve uma interatividade acentuada, quando trabalharam o cordel pelo fato de não encontrarem

---

<sup>8</sup> Informação cedida oralmente pelo professor A e anotada em nosso caderno de bordo.

com facilidade cordéis que traziam temas que elas gostariam de trabalhar<sup>9</sup>. Notamos que eles/as estavam se referindo aos cordéis denominados de “Cordel pedagógico”, aquele que é produzido para fins didáticos, não atentando para as variedades e tipos de folhetos existentes e suas especificidades. Portanto, o poeta José Rogaciano Siqueira Oliveira (IN ARAÚJO, 2007, p.211), diz que,

[...] Como o cordel é uma das raízes do povo brasileiro, principalmente nordestino, é importante que este instrumento seja incluído na educação a partir de um processo de interatividade, onde predomine a troca, ou seja, tanto a escola valorize o cordel, como a literatura de cordel discuta e aprofunde os temas referentes à educação.

Seguimos perguntando se o/as Professor/as alcançaram seus objetivos ao trabalharem com este tipo de literatura; caso a resposta fosse afirmativa, quais os resultados alcançados. As respostas foram as seguintes:

Sim, uma vez que os alunos leram, discutiram e analisaram folhetos que traziam a temática da seca na região Nordeste, apropriando-se da linguagem tipicamente popular, reconhecendo a cultura local, valorizando e relatando experiências diversas. **(Professor A)**

Sim, as crianças demonstraram mais interesse pela leitura, além da melhor compreensão e interpretação. **(Professora B)**

Sim. Os alunos sentiram-se estimulados em ler e produzir cordel. **(Professora C)**

O objetivo do trabalho era conhecer artistas paraibanos que escreveram cordel que foi alcançado através de exposição assim como a produção de apenas uma sextilha por alunos que apesar da falta de domínio da escrita, conseguiam através da realidade narrar suas sextilha pra que fosse escrita pelo o colega. **(Professora D)**

O/as Professor/as A, B e C ressaltaram que o cordel estimulou a leitura nos alunos. A Professora D ressaltou o desenvolvimento de atividade escrita de uma sextilha (estrofe com 6 versos) por parte dos alunos. Silva (2017, p.199) comenta que a leitura de folhetos de cordel, mediante eventos de letramento aplicado ao ensino de língua(gem) permite “percorrer a dimensão social do sujeito leitor”, uma vez que eles podem fazer “conexões com outros textos e com a própria vida, valorizando a identidade coletiva; isso faz com que o aluno se torne

---

<sup>9</sup> Informações cedidas oralmente pelas professoras C e D e anotada em nosso caderno de bordo.

protagonista de sua história” (SILVA, 2017, p.199). Dessa forma, percebemos que a poesia popular evidenciada pelos folhetos de cordel se mostra bastante eficaz no aprendizado da leitura, por apresentar em seus versos informações de forma humorada, levando para o leitor uma forma de aprendizado, o que pode atrair o aluno para o ato da leitura.

Perguntamos como os alunos reagiram diante do trabalho proposto com a literatura de cordel e o que mais chamou a atenção deles. O/as entrevistado/as responderam que

Se encantaram. As xilogravuras das capas, a linguagem popular, as narrativas populares. **(Professor A)**

Eles amam a literatura de cordel. A rima, as palavras regionais que fazem parte de nossa cultura, as histórias engraçadas e a fluidez do texto. **(Professora B)**

Sentiram-se entusiasmados mediante a leitura compartilhada de alguns folhetos, com a possibilidade de terem seus nomes como autores de um semelhante. O encantamento dos alunos ao realizar as exposições de seus trabalhos na feira de ciências. **(Professora C)**

Os alunos demonstraram interesse e conseguiram produzir um pequeno cordel, apesar de suas limitações. O conhecimento prévio que diversos alunos tinham sobre esse gênero literário. **(Professora D)**

O Professor A falou: -“Certa vez trabalhei o folheto ‘As proezas de João Grilo’. Os meninos riram demais e se identificaram com outras histórias que vinham dos cordéis<sup>10</sup>”. Ele destacou a identificação dos alunos com as personagens das narrativas trazidas pelos cordéis. O/as Professor/as A, B e C ressaltaram o fator “encantamento” dos alunos com o cordel e o ato de leitura do gênero, o vocabulário popular, entre outros. Sobre o trabalho com o cordel na sala de aula, Silva (2014, p.110) afirma que “é enriquecedor, pois até mesmo a linguagem presente nos folhetos, é identificável com o vocabulário típico dos alunos”, levando-o a perceber a abordagem do texto por meio de seus conhecimentos prévios, adquirindo o entendimento dos elementos explícitos e implícitos das narrativas.

A leitura é uma atividade que leva em conta as experiências e os conhecimentos do leitor, sendo que a leitura do texto exige do leitor muito mais do que o conhecimento do código linguístico. De acordo com Kock (2006), o leitor deve dar sentido e significado ao que ler, pondo em foco seus conhecimentos prévios para construção de sentido. Objetivando o entendimento do leitor, deve-se, levar em conta seus conhecimentos prévios, que é fundamental

---

<sup>10</sup> Informação cedida oralmente pelo professor A.

para estabelecer a interação. Com isso, a autora afirma que o sentido de um texto é orientado pelos nossos conhecimentos sócio cognitivos, de língua, das coisas do mundo.

Por fim, perguntamos se o/as professor/as recomendariam um trabalho com a literatura de cordel. Eles tinham a alternativa sim ou não, justificando o porquê. Assim, obtivemos as respostas seguintes:

Sim, porque cordel é cultura. **(Professor A)**

Sim. **(Professora B)**

Sim, por ter uma linguagem acessível a todos; por fazer parte da cultura regional; Por que as crianças sentem-se atraídas pelas rimas o que estimula o gosto pela leitura; por ser uma oportunidade de divulgar e propagar as produções dos alunos (escrevemos para outros leem); entre outros. **(Professora C)**

Sim. O gênero cordel aborda diversas temáticas populares, do nosso cotidiano, é acessível e a leitura é de fácil compreensão. **(Professora D)**

O Professor A respondeu que recomenda o cordel para sala de aula, por que cordel é cultura. Segundo Araújo (2007, p.186), “o cordel dialoga com diversos saberes e, ao ser utilizado no espaço da escola, local por excelência de convivência com múltiplas identidades e diversidades culturais, contribui com os processos educativos interculturais”.

Freire (1996), afirma que a educação é um processo que deve ser permeada pelo diálogo no qual possa ocorrer o respeito pela cultura do outro. De acordo com a pedagogia desse teórico existem elementos essenciais para pensar numa proposta de educação que tenha o olhar voltado para o ato político de conscientização, em que possa ser visto o conhecimento e o respeito pela cultura. De forma que o sujeito possa tornar-se um sujeito crítico da sua realidade e da realidade do outro. Com isso, a educação se torna um processo de humanização que não pode ser visto apenas como algo que acontece dentro da escola. Segundo este teórico o ato de educar vai além do que apenas transmitir conteúdo. É poder enxergar o educando como um questionador do conhecimento e produtor de conhecimento.

As Professoras C e D destacaram o caráter da acessibilidade da linguagem trazida pelos folhetos de cordel, ponto positivo para realização de leitura no ambiente escolar para ambas. Observamos ao longo de toda a entrevista escrita e nas anotações realizadas em nosso diário de campo que o cordel foi sempre lembrado como forma de facilitar o processo de leitura no ambiente escolar.

## 5 CONSIDERAÇÕES FINAIS

Vimos que o processo de letramento escolar envolve muito mais do que simplesmente a aquisição da leitura e da escrita: é ir além; é saber fazer uso da leitura e da escrita nas diversas esferas sociais. Nessa perspectiva, entendemos através de nossa pesquisa que o letramento perpassa por um processo de aprendizagem em que o aprendiz, por meio dos conhecimentos próximos de sua realidade, é instigado a adquirir novos conhecimentos por meio de uma aprendizagem significativa que leva em consideração a realidade dos sujeitos estudados, promovendo a investigação e curiosidade dos alunos diante de alguma temática estudada.

Nesse sentido, é necessário que os educadores e educadoras criem alternativas e possibilidades para que o educando possa ter acesso à variedade de textos que circulam no social, que façam relação com as múltiplas aprendizagens e saberes locais, advindos dos conhecimentos que estejam sendo estudados de forma interativa.

Investigamos se os folhetos de cordel poderiam ser um suporte significativo no ambiente da escola no Ensino Fundamental. Vimos que a literatura de cordel é uma forma de transmitir conhecimentos diversificados da realidade vivenciada pelo povo da Região Nordeste. Através desse tipo de arte popular, podemos adquirir conhecimentos históricos, culturais, das raízes pertencentes aos sujeitos que habitam nessa região. Por meio da riqueza de conhecimento encontrada nesse gênero textual literário, na forma de uma linguagem poética e envolvente, o cordel configura o entendimento do sujeito sobre a história condizente com sua própria realidade. Dessa forma, os professores são possibilitados, através de uma prática renovadora de ensino, a utilizar-se dessa literatura para ampliar os conhecimentos e o repertório de leitura do aluno, contribuindo, assim, com o domínio e desenvolvimento das habilidades de leitura.

Trazendo para essa parte o objetivo geral desse trabalho, percebemos que, através da entrevista que realizamos, **pudemos compreender que os professores têm buscado se utilizar do cordel como objeto de incentivo à leitura no processo de ensino aprendizagem.** Com isso, eles estão buscando inovar suas metodologias para garantia de um trabalho eficaz, em que o aluno possa desenvolver a leitura de maneira contextualizada, aprimorando a capacidade de interpretar e compreender o que está sendo lido e não somente ter desenvoltura para a decodificação do código gramatical.

Os Professores estão conseguindo compreender que a literatura de cordel na sala de aula pode ser utilizado para desenvolver no aluno o gosto pela leitura, apropriando-se da leitura de forma reflexiva e crítica. A multiplicidade de gêneros textuais literários como o cordel se faz necessário no letramento escolar, pelo fato desse gênero textual/literário trazer variadas

temáticas que configuram o imaginário popular do povo da região Nordeste. Assim, notamos que o cordel é um produto cultural, que pode, de fato, ampliar o conhecimento do aluno para que ele se torne protagonista de sua própria história.

Diante desses fatos observados, pudemos compreender que alguns professores têm trabalhado o cordel em sala de aula, contudo, boa parte deles ainda precisa adquirir maior conhecimento sobre a cultura do cordel, principalmente no que diz respeito a utilizá-la com maior frequência nas aulas de leitura e não reduzi-lo ao seu uso como instrumento para o desenvolvimento de projetos de feiras de Ciências ou na semana do folclore como ficou evidente nas falas de alguns professores.

Esperamos como resultado deste trabalho contribuir para que os educadores/ educadoras sejam possibilitados a atribuir sentido e significado a Literatura de Cordel, no sentido de que pode desenvolver um trabalho de qualidade no processo de ensino-aprendizagem na ampliação do conhecimento do aluno, a partir dos estudos do letramento literário no interior do letramento escolar.

Nesse sentido, esperamos através desta pesquisa fazer com que os professores sejam motivados a explorar a Literatura de Cordel, ou o Folheto de Cordel ou o Cordel, como sendo um gênero textual literário, que pode oferecer recursos para o ensino aprendizagem, através de uma prática que envolva o aluno a se apropriar da leitura de forma que possa refletir sobre sua própria realidade. Esperamos que este trabalho possa servir como proposta na utilização de métodos de leitura na prática educacional para a realização de um trabalho inovador, no qual o processo de letramento esteja engajado, nas práticas sociais o que pode influenciar assim no desenvolvimento da leitura, trazendo novos conhecimentos.

## REFERÊNCIAS

- ABREU, Márcia. Diferença e desigualdade: preconceitos em leitura. In: MARINHO, M. (Org.). **Ler e navegar** – espaços e percursos da leitura. Campinas, SP: Mercado das Letras, 2001, p. 139-157.
- ARAÚJO, Patrícia Cristina de Aragão. **A cultura dos cordéis: território (s) de tessituras de saberes**. Universidade Federal da Paraíba. Centro de educação. Programa de pós- Graduação em educação. João Pessoa, 2007. (Tese de doutorado)
- BAKHTIN, Mikhail (Voloshinov). **Estética da criação verbal**. São Paulo: Martins Fontes, 2003.
- BATISTA, Francisco das Chagas. **Literatura popular em verso: antologia**. Rio de Janeiro: Fundação Casa de Rui Barbosa, 1977.
- BRAGA, Medeiros. **Breve história do cordel**. Sem local. Sem data. Folheto de cordel.
- BRASIL. Ministério de Educação. Secretaria de Educação Fundamental. **Parâmetros Curriculares Nacionais**. 1º e 2º ciclos: Língua Portuguesa. Brasília: MEC/SEF, 1997.
- CADEMARTORI, Lígia. **O professor e a literatura: para pequenos médios e grandes**. Belo Horizonte: Autêntica Editora, 2009.
- DELORS, Jacques (org.). **Educação um tesouro a descobrir** – Relatório para a Unesco da Comissão Internacional sobre Educação para o Século XXI. Editora Cortez, 7ª edição, 2012.
- DOURADO, Gustavo. **A educação é tudo**. Disponível em: <http://www.gustavodourado.com.br/cordel.htm>. Acesso em: 02/11/2017. Folheto de cordel.
- EVARISTO, Marcela Cristina. O cordel em sala de aula. In: **Gênero do discurso na escola: mito, conto, cordel, discurso político, divulgação científica**. São Paulo: Cortez, 2000, p. 119-140.
- FREIRE, Paulo. **A importância do ato de ler em três artigos que se completam**. 23ª Ed. São Paulo: Cortez, 1989.
- \_\_\_\_\_. **Pedagogia da autonomia: saberes necessários à prática educativa**. 13. ed. Rio de Janeiro: Paz e Terra, 1996.
- \_\_\_\_\_. **A importância do ato de ler**. Organização e apresentação Mariza Lajolo. 1.ed. São Paulo: Moderna, 2003.
- GERALDI, J. W. **A aula como acontecimento**. São Carlos, SP: Pedro e João Editores, 2010.
- \_\_\_\_\_. **O texto na sala de aula**. São Paulo: Anglo, 2014.
- KLEIMAN, Angela. **Oficina de leitura: Teoria e Prática**. 10ª ed., Campinas, SP: Pontes, 2004.
- KOCK, Ingedore Villaça. **Ler e compreender: os sentidos do texto** / Ingedore Villaça Kock e Vanda Maria Elias. 2 ed. São Paulo: Contexto, 2006.

LIMA, M. V. de. **Narradores do Padre Cícero: do auditório à bancada**. Fortaleza: Programa Editorial / UFC, 2000.

MONTENEGRO, Maria do Socorro Moura. **Manoel Monteiro e as várias faces do texto de cordel**. Tese (Doutorado em Linguística) Universidade Federal da Paraíba, João Pessoa – PB, 2014.

MENEGASSI, Renilson José. Estratégias de leitura. In: SANTOS, Annie Rose dos; RITTER, Lilian C. B. (Org.). **Concepções de linguagem e o ensino de língua portuguesa**. Maringá: UEM, 2005.

NÓBREGA, Geralda Medeiros. **O Nordeste como inventiva simbólica: ensaios sobre o imaginário cultural e literário**. Campina Grande: ADUEPB, 2011.

PINHEIRO, Hélder. **Poesia na sala de aula**. 3.ed. ver. ampl. Campina Grande: Bagagem, 2007.

ROJO, Roxane. Letramento e capacidades de leitura para a cidadania. São Paulo: 2004.

\_\_\_\_\_. **Letramentos múltiplos, escola e inclusão social**. São Paulo: Parábola, 2009.

SANTOS, Idelette Muzart-Fonseca dos. **Memórias das vozes: cantoria, romanceiro & cordel**. Tradução Márcia Pinheiro. Salvador: Secretaria de Cultura e Turismo, Fundação Cultural do Estado da Bahia, 2006.

SILVA, Rodrigo Nunes da. **Representação do homem do Nordeste e identidade masculina na literatura de cordel**. Trabalho de Conclusão de Curso - Universidade Estadual da Paraíba, Campina Grande, 2014.

\_\_\_\_\_. **Folhetos de cordel no Letramento escolar: a aula de leitura revisitada**. Dissertação de mestrado. Universidade Estadual da Paraíba, Campina Grande, 2017.

SILVA, Elba Ramalho da. **Cordel: uma experiência em sala de aula**. Universidade Estadual da Paraíba. Catolé do Rocha-PB, 2013. (Monografia – Graduação em Letras)

SLATER, Candece. **A vida no barbante: a literatura de cordel brasileira**. Rio de Janeiro: Civilização Brasileira, 1984. 321p.

SOARES, Magda. **Letramento: um tema em três gêneros**. Autêntica: Belo Horizonte, 2006.

SOUZA, Renata Junqueira de. **Leitura do professor, leitura do aluno: processos de formação continuada**. UNESP – Presidente Prudente. Disponível em: [www.unesp.br](http://www.unesp.br). Acesso em 07 de novembro de 2011.

STREET, Brian V. **Letramentos Sociais: abordagens críticas do letramento no desenvolvimento, na etnografia e na educação**. Tradução Marcos Bagno. São Paulo: Parábola, 2014.

TFOUNI, L. V. Escrita, Alfabetização e Letramento. In: \_\_\_\_\_. **Letramento e alfabetização**. São Paulo: Cortez, 1995, p. 9-28.

## **ANEXO**

Professor = A

Escola: Escola Municipal Professor Luiz Gonzaga Burity  
Turma: 5º ano

## Entrevista/Professores:

- 1) Você já desenvolveu algum trabalho com a literatura de cordel?  
SIM  NÃO ( ). Caso sim, como foi desenvolvido o trabalho?
- 2) Qual o seu maior objetivo, ao trabalhar a literatura de cordel com seus alunos?
- 3) Qual(is) metodologia(s) utilizada(s) para trabalhar com o cordel em sala de aula?
- 4) Você teve alguma dificuldade para trabalhar com a literatura de cordel em sala de aula? Qual(is)? *Sim. Ter que xerocopiar os folhetos*
- 5) Você alcançou o seu objetivo ao trabalhar com esta literatura? Caso, sim, qual(is) os resultados alcançados?
- 6) Como os alunos reagiram diante do trabalho proposto com a literatura de cordel? *Se encantaram.*
- 7) O que mais chamou a atenção de seus alunos?  
*As xilogravuras das capas, a linguagem popular, as narrativas populares.*
- 8) Você recomendaria os professores trabalharem com a literatura de cordel?  
SIM  NÃO ( ) Por que? *Porque cordel é cultura.*

① O trabalho foi desenvolvido a partir de um trabalho pedagógico, durante dois meses. Os alunos foram levados a ter contato com folhetos que tematizavam o tema da seca na região Nordeste.

② O objetivo era desenvolver habilidades de leitura e compreensão textual.

③ Utilizamos oficinas de leitura, exibição de músicas regionais, viagem ao Museu de Arte Popular de Paraíba, etc..

④ Os alunos se identificaram com a linguagem presente nos folhetos de cordel.

⑤ Sim, uma vez que os alunos leram, discutiram e analisaram folhetos que traziam a temática da seca na região Nordeste apropriando-se da linguagem tipicamente popular, reconhecendo a cultura local, valorizando e relatando experiências diversas

Professor = (B)

Escola: *Lúcia Mattias de Oliveira*  
 Turma: *4º ano*

#### Entrevista/Professores:

- 1) Você já desenvolveu algum trabalho com a literatura de cordel?  
SIM (X) NÃO ( ). Caso sim, como foi desenvolvido o trabalho?
- 2) Qual o seu maior objetivo, ao trabalhar a literatura de cordel com seus alunos?
- 3) Qual(is) metodologia(s) utilizada(s) para trabalhar com o cordel em sala de aula?
- 4) Você teve alguma dificuldade para trabalhar com a literatura de cordel em sala de aula? Qual(is)?
- 5) Você alcançou o seu objetivo ao trabalhar com esta literatura? Caso, sim, qual(is) os resultados alcançados?
- 6) Como os alunos reagiram diante do trabalho proposto com a literatura de cordel?
- 7) O que mais chamou a atenção de seus alunos?
- 8) Você recomendaria os professores trabalharem com a literatura de cordel?  
SIM (X) NÃO ( ) Por que?

Respostas:

- 2- Desenvolver no aluno o gosto pela leitura por função, e a valorização da cultura nordestina, assim como da importância deste tipo de literatura.
- 3- Leitura compartilhada, rodas de leitura, peças teatrais, debates, recitação de versos de cordel e etc.
- 4- Não, o trabalho com a literatura de cordel é sempre prazeroso para a criança.
- 5- Sim, as crianças demonstram mais interesse pela leitura, além da melhor compreensão e interpretação.
- 6- Eles amam a literatura de cordel.

Professor = (C)

Escola: Escola Mul. Profº Luiz Gonzaga Curitiba.  
Turma: 5º Ano.

#### Entrevista/Professores:

- 1) Você já desenvolveu algum trabalho com a literatura de cordel?  
SIM (x) NÃO ( ). Caso sim, como foi desenvolvido o trabalho?
- 2) Qual o seu maior objetivo, ao trabalhar a literatura de cordel com seus alunos?
- 3) Qual(is) metodologia(s) utilizada(s) para trabalhar com o cordel em sala de aula?
- 4) Você teve alguma dificuldade para trabalhar com a literatura de cordel em sala de aula? Qual(is)?
- 5) Você alcançou o seu objetivo ao trabalhar com esta literatura? Caso, sim, qual(is) os resultados alcançados?
- 6) Como os alunos reagiram diante do trabalho proposto com a literatura de cordel?
- 7) O que mais chamou a atenção de seus alunos?
- 8) Você recomendaria os professores trabalharem com a literatura de cordel?  
SIM ( ) NÃO ( ) Por que?

1. Trabalho desenvolvido a partir de uma temática trabalhada pela escola.
2. Estimular o gosto pela leitura e escrita.
3.
  - Trabalhar a temática que será explorada no cordel;
  - Trabalhar o gênero textual (literatura de cordel) em seus diversos aspectos: Origem, xilogravura, finalidade, material, etc.)
  - Ler cordéis para os alunos e pedir que eles também leiam;
  - Trabalhar a métrica que se pretende no cordel;
  - Distribuir entre os alunos pequenos trechos (versos principais) do texto que se pretende explorar no cordel e pedir que os escrevam em forma de verso (rimas)
  - Fazer a reescritura das estrofes produzidas (coletivo) organizando métrica, rimas e fidelidade ao texto original.

- Pedir que ilustrem o texto produzido e escolher a melhor ilustração para a capa do cordel;
  - Impressão dos folhetos;
  - Exposição do cordel em Feira de Ciências, com distribuição entre os visitantes.
- 4 - Sim. Alguns alunos têm dificuldade em encontrar rimas, talvez por uma questão de vocabulário.
- 5 - Sim. Os alunos sentiram-se estimulados em ler e produzir cordel.
- 6 - Sentiram-se entusiasmados, mediante a leitura compartilhada de alguns folhetos, com a possibilidade de terem seus nomes como autores de um semelhante.
- 7 - O encantamento dos alunos era realizar a exposição de seus trabalhos na feira de Ciências.
- 8 - Sim.
- Por ter uma linguagem acessível a todos;
  - Por fazer parte da cultura regional;
  - Porque as crianças sentem-se atraídas pelas rimas (estimulando, assim, o gosto pela leitura);
  - Por ser uma oportunidade de divulgar ~~os~~ e propagar as produções dos alunos (escritas para as outras <sup>leem</sup>);
  - Entre outros.

Professor = D

Escola: M. E. J. Maria do Carmo A. Souto

Turma:

## Entrevista/Professores:

- 1) Você já desenvolveu algum trabalho com a literatura de cordel?  
SIM (X) NÃO ( ). Caso sim, como foi desenvolvido o trabalho?  
Foi desenvolvido para, minha pedagógica, apenas para produção de uma sextilha para conhecermos a história Paraulbano.
- 2) Qual o seu maior objetivo, ao trabalhar a literatura de cordel com seus alunos?  
Fazer com que os alunos despertarem o interesse pela leitura e aprimoramento da escrita.
- 3) Qual(is) metodologia(s) utilizada(s) para trabalhar com o cordel em sala de aula?  
Iniciei com pesquisas bibliográficas de autores paraulbanos que não destaquei nesse gênero; leituras e recitações de cordéis feitos pelos alunos por exposições em murais, até a produção de sextilhas dos alunos fixadas em cordão.
- 4) Você teve alguma dificuldade para trabalhar com a literatura de cordel em sala de aula? Qual(is)?  
Houve bastante dificuldade para o desenvolvimento do cordel devido uma parte da turma não ~~queria~~ dominar a leitura e a escrita.
- 5) Você alcançou o seu objetivo ao trabalhar com esta literatura? Caso, sim, qual(is) os resultados alcançados?  
O objetivo do trabalho era conhecer os artistas paraulbanos que escreviam cordel que foi alcançado através de exposições assim como a produção de apenas as sextilha por alunos que apesar
- 6) Como os alunos reagiram diante do trabalho proposto com a literatura de cordel?  
Os alunos demonstraram interesse e conseguiram produzir um pequeno cordel, apesar das suas limitações.
- 7) O que mais chamou a atenção de seus alunos?  
O conhecimento prévio que diversos alunos tinham sobre esse gênero literário.
- 8) Você recomendaria os professores trabalharem com a literatura de cordel?  
SIM (X) NÃO ( ) Por que? O gênero cordel aborda diversas temáticas populares do nosso cotidiano, e acessível e a leitura é de fácil compreensão.

da falta de domínio na escrita, conseguiam através da oralidade narrar suas sextilha para que fossem escritas pelo colega.